



NENHUM HOMEM PODE ENTENDER BEM OS RAJPUTS DE OUTRORA...

Pablo Gomes de Miranda⁵²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise sob a ótica do Pós-colonialismo sobre a incidência de um poema escandinavo medieval, a *Hervararhvöt* é uma obra do século XIX, o *Annals and Antiquities of Rajastan* do tenente-coronel James Tod que, fazendo parte da Companhia das Índias Orientais, dedicou-se a escrever sobre o passado indiano e a relacioná-lo com o passado escandinavo em busca de uma origem em comum entre os povos.

Palavras-chave: *Hervararhvöt*; Pós-colonialismo; Sagas Islandesas; Vikings.

Abstract: This article aims to analyze from the Post-colonialism perspective, the disclosure of a medieval Scandinavian poem, the *Hervararhvöt*, in a 19th century publication, the Lieutenant-colonel James Tod's *Annals and Antiquities of Rajastan*. Being member of the East India Company, James Tod wrote about the Indian past and its relationship with Scandinavian past, searching for a common origin between them.

Key-Words: *Hervararhvöt*; Post-colonialism; Icelandic Sagas; Vikings.

1. Introdução

Em um documento do século XIX com escritos acerca de certas regiões da Índia, pode ser estranho achar fontes da literatura Escandinava dos séculos XIII e XIV como parte integrante da cultura Rajput. No entanto lá está, na obra *Annals and Antiquities of Rajasthan*, do coronel-tenente James Tod, uma pequena tradução da *Hervararhvöt* (Convicção de Hervör), parte integrante da *Hervarar saga*⁵³, mais conhecida como a Saga de Hervör. Queremos compreender como a figura do Oriente e as suas representações, nas fontes escandinavas, é empregada durante o período de dominação imperialista da Inglaterra sobre os territórios

⁵² Graduado em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestrando em História dos Espaços pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

⁵³ Existem algumas variações dessa saga e a mesma encontra-se presente em vários manuscritos, entre eles GKS 2845 4to e AM 544 4to (*Hauksbók*).

indianos nos séculos XIX e XX. Encontramos em nossas pesquisas apropriações de fontes literárias escandinavas dirigidas à criação do passado comum de origem ariana compartilhado pela Europa e pela Índia, que pudessem assim justificar a dominação imperialista do Ocidente sobre o Oriente.

Há um processo de criação de um passado comum ariano, que advém de uma longa “troca” de experiências⁵⁴, iniciado na antiguidade, perpassado no medievo, tornando-se mais tarde um ponto de tensão forte dentro das disputas imperialistas e da dominação europeia sobre o Oriente. Escolhemos como título do nosso trabalho uma frase escrita na obra do coronel-tenente James Tod, que apresenta esse contexto de buscas de um passado em comum entre Ocidente e Oriente ao se referir à literatura indiana. Tal frase é escrita no sentido de chamar atenção para a similaridade entre a cavalaria indiana e a instituição feudal europeia de mesmo nome.

Para a nossa análise, dividimos o nosso trabalho em duas partes essenciais, tratando sobre assuntos que gravitem entre as discussões pertinentes aos estudos pós-coloniais nos quais se inserem o nosso trabalho, entre elas as questões necessárias para compreender melhor nossas problemáticas. Começamos com discussões gerais sobre as *Fornaldarsögur*⁵⁵ e os elementos culturais que circundam a escrita da saga de Hervör, além das noções teóricas de Verdade Sincrética e Ficção Latente, passando então para alguns exemplos de contatos dos povos escandinavos com o Oriente; depois analisaremos a obra de James Tod e de que maneira a *Hervararhvöt* foi utilizado nessa empreitada comparativa com os Rajput segundo um movimento acadêmico e político, o Orientalismo, e nossas conclusões dentro dos estudos Pós-coloniais.

2. Saga de Hervör, *Hervararhvöt*, e o contato com o Oriente

A saga de Hervör⁵⁶, na qual está inserida a *Hervararhvöt*, é parte daquilo que podemos classificar como *Fornaldarsögur*, Sagas Fantásticas, por haver dentro de sua narrativa a

⁵⁴ Preferimos colocar o termo aqui entre aspas, pois o processo ocorre, em grande parte, unilateralmente com a Europa: são lendas, histórias, relatos, narrativas que acabam formando uma idéia própria que hoje temos daquilo que costumamos chamar, e pensar, ser o Oriente.

⁵⁵ O termo não é medieval, foi utilizado pela primeira vez pelo filólogo dinamarquês Carl Christian Rafn durante a publicação de uma coletânea em três volumes de sagas islandesas (*fornaldásaga Norðulanda*), entre 1795 e 1864 (TULINIUS, 2005, p.447).

⁵⁶ Preferimos não tratar ambas as obras (a saga e o poema) como partes separadas, simplesmente porque muito provavelmente foi a maneira como James Tod conheceu os versos que anotou em suas observações. O pesquisador Torfi Tulinius (2005) afirma que as sessões poéticas da saga são certamente mais antigas, inclusive orientando parte da escrita da mesma, entretanto como assumimos que o meio de transmissão se deu de maneira integrada entre as duas, James Tod não poderia ignorar a saga por completo, que oferece material a mais para que ele chegue as suas conclusões sobre os costumes dos Rajput.

incidência de elevada carga de elementos sobrenaturais. Os manuscritos onde podemos encontrá-los são deveras tardios, e encontramos boa parte das Sagas Fantásticas sendo escritas no século XIV, o que pode ter levado a crer que essas produções estão menos preocupadas com algum tipo de senso histórico ou perda generalizada de senso da realidade, já que os tipos de sagas que contém menos incidência do fantástico, as sagas dos reis, das famílias e sagas contemporâneas, detém uma narrativa mais crível⁵⁷. No entanto, sabemos que oralmente essas sagas já existiam antes de serem escritas, pelo menos no começo do século XII, como forma de entretenimento na corte do rei norueguês Sverrir “de acordo com a *Þorgils saga ok Haflíða* na *Sturlunga saga*, uma típica saga dos tempos antigos foi narrada na festa de Reykjahólar em 1119” (STEBLIN-KAMENSKIJ, 1973 p. 42)⁵⁸; e ainda mais:

É bem possível que as *fornaldarsögur* já pudessem estar estabelecidas como uma forma de entretenimento aristocrático já entre 1180 – 90. Em relação a isso pode se inferir a partir da observação feita antes em relação ao rei Sverrir e contada na *Þorgils saga*, nos informando que contos tais quais aqueles de Hrómundr Gripsson que eram considerados por ele como sendo “*lygisögur*” (contos falaciosos) e “*skemtiligastar*” (mais agradáveis). Ademais, há alguma evidência de que algumas delas existirem, pelo menos no primeiro terço do século XIII, desde que o escritor da *Egils saga*, composta no mais tardar, antes de 1250, parece ter conhecido a *Hervarar saga ok Heiðreks* e *Ketils saga hængs* (TULINIUS, 2005, p.450)⁵⁹.

A saga de Hervör tem sua narrativa centrada na espada mágica Tyrfing, forjada pelos anões Dvalin e Dulin para o rei Sigrlami, uma arma poderosa que confere a vitória ao seu portador, mas é também amaldiçoada e fadada a trazer desgraça a família do guerreiro que empunhá-la. Tyrfing acaba sendo tomada pelo rei Arngrim e seus descendentes, o berserkr

⁵⁷ Esse tipo de comentário é válido, quando notamos que alguns pesquisadores pensaram haver uma certa “Era de Ouro” da escrita das sagas, da qual as Sagas Fantásticas não fazem parte; tal comentário não só é falacioso como lesivo, pois tende a sacrificar em boa parte o potencial informativo dessas produções, simplesmente ignorando sua narrativa por completo. O pesquisador Johnni Langer, em recente artigo, escreve que as *Fornaldarsögur* vem sofrendo uma reavaliação, pois “mesmo não tendo um valor histórico como as sagas de famílias, as narrativas lendárias estão sendo utilizadas como fontes para o estudo da literatura, da ideologia, monarquia, valores éticos e morais, gênero, entre outros, tanto do período em que foram compostas quanto da época que retratam” (LANGER, 2010, p.147). Se, por um lado, esse conjunto de sagas apresenta sérios problemas como fontes históricas (próprios a sua natureza), por outro é um conjunto de fontes riquíssimas para o estudo de mitologia e ideologia que podem ser ligados a sociedade escandinava medieval.

⁵⁸ “According to *Þorgils saga ok Haflíða* in *Sturlunga saga*, a typical saga of olden times was narrated at a feast at Reykjahólar in 1119”

⁵⁹ It is quite possible that the *fornaldarsögur* may already have been established as a form of aristocratic entertainment as early as 1180 – 90. Additional support for this can be inferred from the above-mentioned remark made by King Sverrir and reported in *Þorgils saga*, telling us that tales such as those of Hrómundr Gripsson were considered by him to be ‘*lygisögur*’ (lying tales) and ‘*skemtiligastar*’ (most enjoyable). Moreover, there is some evidence for at least a few of them having been in existence at least in the first third of the thirteenth century, since the author of *Egils saga*, composed at the latest before 1250, seems to have known *Hervarar saga ok Heiðreks* and *Ketils saga hængs*.

Angantýr que, junto a seus irmãos, morrem numa luta contra Hjálmr e Odd (esse último é um célebre personagem de outra saga), sendo a espada enterrada junto ao corpo dos guerreiros na ilha de Samsey⁶⁰. Hervör, filha de Angantýr, entre suas aventuras, encontra a tumba de seu pai e após invocar o espírito de seu pai, que desencoraja a guerreira a levar a arma amaldiçoada, emerge de lá com a Tyrfing. A saga encontra em seu fim episódios trágicos, em que os descendentes de Hervör são destinados a se matarem em combate, como acontece com os reis Heiðrek e Hlöðr⁶¹.

Gostaríamos de deslocar esse nível de carga fantástica para o que Steblin-Kamenskij (1973) chama de Ficção Latente, parte importante do conceito de Verdade Sincrética. Para ele, todas as sagas tem um tipo de verdade diferente daquela que o homem moderno compreende como “verdade”. Para Steblin-Kamenskij, usualmente interpretamos as sagas em três tipos de verdade: Verdade Histórica (nos termos em que podemos aplicar vários conceitos modernos da História), Verdade Artística (onde podemos nos deter em analisar forma, conteúdo e demais aspectos lingüísticos da narrativa, além de suas construções literárias) e um tipo de verdade que cruza ambas (algo as vezes impossível e contraditório). A Verdade Sincrética (que não é nenhuma das três) é um aspecto que já não é acessível ao homem moderno, esse que pensa a “Verdade” em grande parte com aspectos binários em anulação com a Ficção.

A Verdade Sincrética apresenta um tipo de verdade a que o Homem Escandinavo do medievo tinha acesso (e que dentro da saga é simples “Verdade”), em que a Ficção é incorporada a sua narrativa, fazendo parte da própria verdade (a esse movimento chamamos de Ficção Latente). Algumas sagas têm uma carga fantástica mais elevada que outras (o que é o caso daquelas que classificamos como Sagas Fantásticas), e a respeito disso podemos comentar que a carga de Ficção Latente aumenta quanto mais distantes temporalmente estejam os fatos narrados, enquanto a possibilidade de noticiar alguma ficção diminui. A Ficção Latente permite que aspectos genealógicos, fatos narrados e a ação dos personagens em geral possam se fundir com elementos fantásticos, fazendo com que a Verdade Sincrética da saga adquira uma forma embrionária da Verdade Artística, configurando a crença em que os aspectos mitológicos estão intrinsecamente ligados ao próprio passado, no qual deuses, monstros e heróis conviviam e interagiam entre si, sendo perfeitamente plausível como verdade dentro da saga em questão.

A poética divide com a prosa ambas as verdades - Sincrética e Artística (embrionária no caso) -, além da primeira emprestar a segunda o fio condutor da Ficção Latente. Desta forma, é no rastro dessa verdade que o tenente-coronel James Tod procurou no *Hervararhvöi* indícios de um possível costume análogo relativo ao juramento de armas entre a região do Báltico e os

⁶⁰ Talvez a atual ilha de Samsø na Dinamarca.

⁶¹ As situações fantásticas ficam por conta dos anões ferreiros que desaparecem debaixo de rochas, os fantasmas dos guerreiros berserkir que assombram a ilha de Samsey, o aparecimento do deus Odín que desafia o rei Heiðrek com suas charadas, etc.

Dácios para relacionar a suas anotações acerca da região de Mewār (o que seria unicamente possível para o autor, devido a sua crença de que os indianos possuíam uma origem Cita), justamente a busca e o juramento sobre a arma mágica feita por Hervör, fato que, para o autor, seria um costume ancestral entre os antigos Citas e sendo traduzido para o Rajasthani “deveria interessar em muito o Rajput, que pode considerar a forma pela qual a *Khanda* de Hamira, por quem que ele [o Rajput] adora anualmente, foi obtida” (TOD, 1920, p. 690)⁶². O que Tod procura é essa busca de Hervör pela sua herança, no caso a espada Tyrffing (um paralelo com a *Khanda* Rajput), que de alguma maneira se assemelha aos costumes contemporâneos do Rajput.

De fato, existiu um contato entre os Vikings e o Oriente, tanto físico quanto cultural, e isso pode ser atestado tanto por dados arqueológicos quanto por material escrito. Existem traduções de obras da antiguidade ocidental para o nórdico antigo, certamente obras que vieram com o advento do cristianismo, bem como relatos de viajantes árabes que tiveram experiências entre Vikings e que acabaram por escrever suas experiências com os povos setentrionais. Elenquemos algumas expressões dessas trocas culturais:

1 – Podemos notar algumas passagens mitológicas relacionados ao Oriente, na Edda em prosa⁶³, a origem dos deuses escandinavos é traçada desde Tróia, sendo Thor, filho de Memnon com Troan, uma das filhas de Príamo. Não obstante sua identificação e semelhança dos nomes entre si, Tróia é posicionada em Tyrkland, região que é referenciada em outras obras medievais como a *Trójumanna saga*, numa clara alusão aos povos orientais:

Que era localizado no que é “agora chamado Tyrkland”. Isso é claramente importante, mas o que está exatamente implícito é discutível. Na obra islandesa *Trójumanna saga* (em grande parte, uma tradução do *De excidio Troiae*, uma das fontes mais populares para histórias medievais da guerra de Tróia), os troianos são referidos como Tyrkir, que pode seguir a prática latina desde a Eneida de Virgílio, da qual os troianos são chamados “Teucrí”. Entretanto, o termo foi, de alguma maneira, confundido com o nome “Turco”. Nos séculos sétimo ou oitavo, os escritos atribuídos ao franco Fredegar, ambos os francos e turcos são ditos como descendentes dos exílios troianos (RIX, 2010 p.48)⁶⁴.

Há outras maneiras do Oriente ser expresso nos escritos escandinavos. Para tanto, tomemos a *Ynglinga saga* como exemplo, na qual se narra a origem mítica da realeza

⁶² Would deeply interest a Rajput, who might deem it the spell by which the *Khanda* of Hamira, which he annually worships, was obtained.

⁶³ Também conhecida como Edda menor.

⁶⁴ That it was located in what is “now called Tyrkland”. This is clearly important, but what exactly is implied is moot. In the Icelandic *Trójumanna saga* (mostly a translation of *De excidio Troiae*, one the most popular sources for medieval stories of the Trojan War), the Trojans are referred to as Tyrkir, which may follow a Latin practice going back to Vergil’s *Aeneid* by which the Trojans were called Teucrí. However, the term was at some point confused with the name for the Turks. In the seventh- or eighth-century writings attributed to the Frankish writer Fredegar, both the Franks and the Turks are said to descend from Trojan exiles.

norueguesa, descendente dos antigos guerreiros advindos do “além Ásia” (uma terra chamada Asaland) e que se instalam nas terras escandinavas, em regiões onde hoje se encontra a Suécia e que, com o passar da narrativa, migram para a Noruega. No início de sua narrativa, nós encontramos uma breve descrição do mundo, das disputas entre dois povos diferentes e como os Æsir decidem emigrar para as terras nórdicas, onde a saga posiciona as terras asiáticas em sua narrativa e aponta que ali eram as antigas terras dos deuses: “E então divide-se em três reinos; a região mais oriental chamada Ásia, e Europa a região mais ocidental. (Ynglinga saga,1); a região a leste de Tanakvísl, na Ásia, era chamada Ásaland ou Ásaheimr, e a capital, naquela terra, era chamada Ásgarð (Ynglinga saga, 2)”⁶⁵. Ainda mais, a confluência de elementos desse mundo antigo, trazido pelo cristianismo, torna os deuses como que pertencentes a esse mundo asiático ou pertencendo a eles em sua origem.

Os escritores das sagas conheciam obras clássicas, inclusive faziam traduções de obras contemporâneas a eles, o que vem a ser o caso da obra *Ilias Latina* e *De Excidio Troiae*, traduzida sob o título *Trójumanna saga* (Ólason, 2005, p.113)⁶⁶

2 - Havia uma relação de comunicação, ou ao menos de conhecimento, entre os povos escandinavos e árabes. Entre os vários comentários acerca dos Vikings e escandinavos no medievo, encontramos o comentário do viajante árabe Ibn Fadlan, que assim nos fala acerca dos hábitos dos Rus, os Vikings com os quais entra em contato às margens do rio Volga⁶⁷:

“Eles são as mais nojentas das criaturas de Alá: eles não se lavam depois de defecar ou urinar, nem depois do intercuro sexual, e não se lavam depois de comer. Eles são como burros teimosos” [...] para um muçulmano devoto, que devia se limpar depois de cada uma de suas cinco orações diárias, os hábitos de limpeza desses Vikings devem ter parecido certamente nojentos. Ele continua para dizer que todos eles se lavavam a cada manhã, mas que isso era imundo, pois todos eles usavam a mesma água! (ROESDAHL, 1998, p.34)⁶⁸.

⁶⁵ Sú á skilr heims Þriðjungana; heitir fyrir austan Ásíá, em fyrir vestan Európa (*Ynglinga saga*, 1); Fyrir austan Tanakvísl í Ásíá var kallat Ásaland eða Ásaheimr, em höfuðborgin, er var í landinu, kölluðu Þeir Ásgarð (*Ynglinga saga*, 2)

⁶⁶ Sobre o mundo clássico, existem várias sagas que tiveram como material de apoio outras obras medievais, tais como: *Rómverja saga*, *Alexander saga* e *Breta sögur* (as duas últimas são traduções da *Alexandreis* de Walter de Châtillon e a *Historia regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth (ÓLASSON, 2005, p.113).

⁶⁷ Ahmad ibn-Fadlan ibn al-Abbas ibn Rashid ibn Hammad, diplomata árabe mandado pelo califa al-Muqtadir de Bagdá como embaixador aos Búlgaros. Parte de suas anotações está incluído no documento do século XIII, *Mu'ajam al-budam*. Uma cópia completa de sua *Risala*, datada do século XI, foi descoberta em Meshed, Irã, no começo do século XX (HOLMAN, 2009, p. 144 – 145).

⁶⁸ ‘They are the filthiest of Allah’s creatures: they do not wash after shitting or peeing, nor after sexual intercourse, and do not wash after eating. They are like wayward donkeys,’ [...] To a devout Muslim, who had to wash before each of his five daily prayers, the washing habits of these Vikings must have seemed disgusting indeed. He does go on to say that they all washed every morning, but that this was also foul, for they all used the same water!

Vale ressaltar que o mundo árabe entrou em largo contato com os povos escandinavos, fruto de seu contato na Europa Ocidental (principalmente na Espanha e no Mediterrâneo) e na Europa Oriental (onde muito se fala dos Rus). Apesar de Fadlan ser o mais conhecido e citado, em SYRETT, 2004, p.19 – 20 encontramos uma larga citação de cronistas árabes, dentre os quais elencamos: Ibn Khurradadhbih foi o primeiro escritor árabe a falar dos Rus que faziam trocas em Bagdá; Ibn Rusta compilou um livro com notas geográficas que continham informações sobre os Rus; Al-Ghazal escreveu sobre os saques vikings do sul da Espanha, em 844, os quais estão presentes nos escritos *Ibn Dihyah*; Ibrahim ibn Yaqub al-Turtushi escreveu sobre suas viagens ao Ocidente, incluindo sua estadia em Hedeby na Dinamarca, texto que se perdeu e só pode ser localizado no *Al-Bakri* e *Al-Qazwini*, entre outros.

Os escritos dos cronistas Árabes, são feitos a partir de suas impressões sobre os povos escandinavos em pelo menos três situações: mercantis (inclusive Hedeby foi um importante centro comercial), diplomáticas ou em situações de saques Vikings, detendo-se a momentos de contato muito próximo a escrita. Também não escrevem sobre a origem ou alguma semelhança provável entre os escandinavos e os Rajput, pois se detêm a um momento posterior (escrevem principalmente no século IX) e sua atenção está voltada para os acontecimentos que lhes são contemporâneos. Além do mais, esse contato com o mundo Oriental aqui descrito já é feito a partir da cultura árabe e não se relaciona com o eixo indo-europeu explorado por James Tod.

No âmbito da cultura material, Graham-Campbell (1992, p.32) argumenta que os Vikings suecos entre os séculos IX e X se fixam no Oriente, para além das regiões eslavas do Báltico, descendo após o golfo da Finlândia até aos grandes sistemas de rios russos do Volchov-Lovat-Dnieper e Volga, ao sul e leste em direção ao império Bizantino e ao Califado Abássida. Podemos pensar que as suas antigas rotas comerciais poderiam se estender até Índia e China⁶⁹. Essa aproximação dos Vikings suecos com o Oriente pode parecer um pouco absurda, mas está bem calcada na cultura material: um exemplo curioso pode ser encontrado na região centro-sul da Suécia, em torno do lago Mälaren, onde existe uma área chamada Helgö (situada na ilha de Ekeö), na qual foi encontrada uma estatueta de bronze de 8,4 cm de Buda, fabricação indiana do século VI ou VII, que pode ter sido usada como amuleto (quando foi descoberta, a estatueta tinha uma faixa de couro em volta do pescoço e de um braço).

A cultura material, especialmente no caso do exemplo tão direto por nós acima exposto, pode ser entendido como parte de esforços comerciais dos povos escandinavos, aliados a sua desenvolvida tecnologia náutica e aguçadas práticas marítimas, mas também não podem ser vistas como alguma prova conclusiva de uma origem em comum nos moldes que estamos

⁶⁹ Essa é uma conclusão que o autor desenvolve (p.184) por fazer relações dos sistemas de navegações e rotas comerciais o sudeste da Escandinávia, com a cultura material encontrada principalmente nos sítios arqueológicos suecos que traziam conexões com o mundo árabe e indiano.

discutindo aqui, apenas constatando que os mercadores escandinavos podiam alcançar centros comerciais muito afastados ou que os locais onde faziam comércio recebiam produtos para troca de regiões longínquas. De qualquer maneira existia o contato com o Oriente, o que pode oferecer um ponto ou outro de aproximação sensível na cultura medieval.

Os contatos entre Ocidente e Oriente em torno dos povos escandinavos (inclusive vikings) existiram. O que fizemos aqui foi uma breve relação de alguns indícios dessa aproximação. No entanto, são aproximações muito tardias (no caso das fontes árabes), indiretas (herança latina) ou mesmo pontuais (escassas, em alguma pertinência com a Índia), ao menos não da maneira como os Anais querem levar a crer. Só podemos conceber uma construção ideológica para tal obra, uma relação de alteridade entre Inglaterra e Índia na qual há uma dominação dupla, pois ao mesmo tempo em que se apodera do passado indiano, a Inglaterra está justificando seu domínio sobre a mesma.

3. Os Escritos de James Tod, o Orientalismo e os Estudos Pós-coloniais

James Tod escreve especificamente sobre os Rajput com quem dividiu experiências e vivenciou seus costumes e hábitos durante o exercício de seu cargo de agente político da Companhia das Índias Orientais. Boa parte de sua experiência militar deu-se em campanha contra os guerreiros Pindāris, bandos que não foram formalmente incorporados ao império na dissolução do reino Mughal, campanha essa em que James Tod teve auxílio dos Rajput enquanto administrava a área da Rājputāna Ocidental. O momento da escrita de seus anais acompanha a sua administração da área, entre 1818 e 1822, resultando numa obra que só será publicada entre 1829 e 1832⁷⁰.

O sexto capítulo do segundo livro⁷¹ de seus anais traça uma hipotética linha de origem dos Rajputs com vários povos, mas a maior preocupação é ligar os indianos aos germanos através dos Citas, além dos Getas, Trácios, para os quais o tenente-coronel não dispensa citações de autores da antiguidade, sendo recorrentes para tal finalidade Heródoto, Estrabão e Tácito, como forma de compensar a falta de provas diretas sobre seus argumentos. James Tod,

⁷⁰ Um breve resumo de sua carreira militar: nascido em Islington, Inglaterra, em 1782, torna-se cadete da Companhia das Índias Orientais ao chegar em Calcutá, em 1798, integrando o segundo regimento europeu. Em 1800, é elevado a patente de tenente, integrando o décimo quarto regimento de infantaria nativa, passando posteriormente para o vigésimo quinto regimento de infantaria nativa em 1807. Em 1813 torna-se capitão e cinco anos depois é incumbido da missão de administrar Rājputāna Ocidental, retirando-se da companhia em 1822.

⁷¹ O capítulo em questão é dividido em diversos tópicos que visam analisar costumes e crenças indianas e compará-las com os escritos da antiguidade ocidental, que são respectivamente: Scythian Traditions; The Scythian Descent of The Rajputs; Jāts and Getae; The Aswa; The Asvamedha; Personal Habits, Dress; Theogony; Religious Rites; Customs of War; Rajput Religion; Bards; War Chariots; Position of Women; Gaming; Omen, Auguries; Love of Strong Drink; Funeral Ceremonies; Sati; Cairn, Pillars; Worship of Arms; Asvamedha, The Horse Sacrifice; The Asvamedha Ceremonies; Sacred Trees.

no entanto, ignora uma gama variada de fontes indianas, confiando-se nas suas observações sobre festivais e costumes do cotidiano, fato que também acontece quando utiliza a *Hervararhvöt* para estudar os costumes marciais dos Rajput. O erro primário é a confusão semântica que o leva a indicar os habitantes do norte da Índia, os Jāts, apontando-os como originários dos Getas e Godos, para finalmente indicar uma ligação com os Jutos, habitantes da Jutlândia, península do norte da Alemanha que adentra o território Dinamarquês, quando, segundo o autor, as primeiras imigrações saíram da Ásia Menor para a Escandinávia.

A ligação dos Escandinavos e Rajputs, tendo os Citas como povo ancestral de ambos, é atestada em diversas passagens de comparação entre os costumes de ambas as regiões, sempre em torno de uma suposta marcialidade imanente a poesia, folclore, idioma, escrita (rúnica, no caso), armas, caça e em grande parte crenças religiosas e costumes de sepultamento. Além da Saga de Hervör, o autor indica conhecimento de outras fontes escandinavas, pois ele faz menção, ainda que indireta, ao livro terceiro da *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum* de Adam de Bremen, apesar das distorções para que seja possível fazer suas comparações⁷²:

Eles cantam hinos em louvor a Hercules, bem como a Tuisto ou Odin, cujos estandartes e imagens eles carregam para a batalha; e lutam em clãs, usando o feram ou dardo, ambos em combate próximo ou distante. Mantendo todas as semelhanças com os Harikula, descendentes de Buda, e os Aswa, prole de Bajaswa, quem povoou as regiões ao leste dos Indus, cuja população se espalhou tanto para o leste quanto para o oeste. Os Suevi, ou Suiões, erigiram o célebre templo de Uppsala, no qual eles colocaram as estátuas de Thor, Woden e Freya, a divindade tripla dos Asii escandinavos, o Trimúrti das raças Solar e Lunar. O primeiro (Thor, o trovejador, ou deus da guerra) é Hara, ou Mahadeva, o destruidor; o segundo (Woden) é Buda, o preservador; e a terceira (Freya) é Uma, o poder criativo (TOD, 1920, p.79)⁷³.

Uma passagem, em especial, é essencial para compreender a origem desses povos, construída por James Tod, no uso da *Hervararhvöt* como fonte para seus escritos, mostrando a importância da poesia guerreira entre ambas as sociedades, atestando o apego as armas e a

⁷² Certamente é um equívoco a sua comparação do Trimúrti, para o qual não conseguimos localizar alguma representação de Buda. Outro equívoco é o uso da deusa Freyja (em comparação com a deusa Uma), da qual não há registro algum de adoração no templo de Uppsala, sendo o deus Freyr (seu irmão) que estaria lá representado, um erro cometido provavelmente no ímpeto de relacionar as religiosidades hindus às escandinavas.

⁷³ They sung hymns in praise of Hercules, as well as Tuisto or Odin, whose banners and images they carried to the Field; and fought in clans, using the feram or javelin, both in close and distant combat. In all maintaining the resemblance to the Harikula, descendants of Budha, and the Aswa, offspring of Bajaswa, who peopled those regions west of the Indus, and whose redundant population spread both east and west. The Suevi, or Suiones, erecte the celebrated temple of Upsala, in which they placed the statues of Thor, Woden, and Freya, the triple divinity of the Scandinavian Asii, the Trimurti of the Solar and Lunar races. The first (Thor the thunderer, or god of war) is Hara, or Mahadeva, the destroyer; the second (Woden) is Budha, the preserver; and the third (Freya) is Uma, the creative power.

celebração da cultura guerreira, já que a intenção do uso da poesia é mostrar o culto as armas, em especial a espada. Escreve o tenente-coronel que o Rajput:

...ele venera seu cavalo, sua espada e o Sol, e atende mais pela canção marcial do bardo do que a litania do Brâmane. Na mitologia marcial e na poesia guerreira dos escandinavos um extenso campo existe para assimilação, e uma comparação com os vestígios poéticos dos Asi do leste e oeste poderia por si só sugerir uma origem em comum⁷⁴ (TOD, 1920, p.82).

O *Hervararhvöt* é um misto de vestígio poético, verdade artística (embrionária), mas uma presente verdade sincrética (acompanhando a saga da qual está incluída⁷⁵) que permite ao autor dos *Anais* distorcer a cultura Rajput para provar sua hipótese. A poesia encontra-se justamente nessa comparação de vestígio poético, no vigésimo segundo livro, em uma análise dos nove dias do festival que compõem a *Khadga Sthapana* (adoração da espada). Aqui, o autor aponta as atitudes dos Rajput sobre suas armas (por essa arma [...] pela minha espada e escudo⁷⁶) e a peça poética denominada por ele de “Invocation of the Bard, to Ganesa” como sendo a contraparte oriental da poesia escandinava. Essas sugestões, violentas e grosseiras (em boa parte), nada mais são que uma antiga prática dos estudos e da curiosidade européia (mas nada inocentes), ao recriar nessa situação o espaço Rajput dentro do Orientalismo.

Edward W. Said, em sua obra *O Orientalismo*, mostra-nos diversas facetas de uma dominação ideológica e imagética que perdura por séculos do Ocidente sobre o Oriente. O Orientalismo descrito não é somente um juízo de valor, é uma relação muito mais complexa, é um sinal de poder, um discurso baseado em uma rede de interesses que se coloca estrategicamente em uma superioridade estratégica flexível (SAID, 1990, p. 19). Said formula ao menos três designações para o termo Orientalismo – a primeira de maneira acadêmica, a segunda como um estilo de pensamento e a terceira como uma instituição – que, podemos afirmar, perpassa a obra de James Tod.

O Orientalismo na academia diz respeito à disciplina e às pesquisas que tem como objetivo discutir o Oriente e o oriental. Para tanto, congressos e livros são feitos, nos quais o Orientalista (termo esse que, apesar do declínio de seu uso, ainda existe) é a autoridade principal. O Orientalismo como estilo de pensamento baseia-se numa distinção ontológica e epistemológica feita entre Oriente e Ocidente, onde teorias, épicos e tratados são discutidos, aceitando-se a distinção básica entre Ocidente e Oriente. O Orientalismo como instituição,

⁷⁴ ...he worships his horse, his sword, and the Sun, and attends more to the martial song of the bard than to the litany of the Brahman. In the martial mythology and warlike poetry of the Scandinavians a wide Field exists for assimilation, and a comparison of the poetical remains of the Asi of the east and West would alone suffice to suggest a common origin.

⁷⁵ Uma nota de rodapé no tópico “Analogies to Western Customs, Oaths by The Sword”, mostra que James Tod compreendia que a *Hervararhvöt* era parte integrante da Saga de Hervör.

⁷⁶ O original, segundo o autor: “Ya silah ka an [...] Dhal, tarwar, ka an” (TOD, 1920, p. 689).

melhor definido material e historicamente, é organizado para negociar com o Oriente, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o, uma maneira de reestruturar e dominar o Oriente.

A Ásia era, ou assim o Ocidente a inventa dessa maneira, um passado de glórias e civilização que já não é mais, sendo agora um desastre, não restando nenhum rastro de sua civilização. Os "arianos" estavam confinados à Europa e ao antigo Oriente (SAID, 1990, p.108), o "bom" Oriente encontrava-se num período muito recuado, que não pode mais ser encontrado. Em 1829, quando o coronel-tenente James Tod faz a sua publicação, relacionando o *Hervararhvöt*, com os Rajputs, o mesmo insere-se num "esforço" de restaurar essa barbárie, mostrando como o passado era glorioso e comum a ambos, a Índia, ou o Oriente de uma maneira geral, para o seu próprio benefício.

Nisso ele não estava sozinho: em meados do século XVIII, o filólogo inglês sir William Jones já se ocupara largamente sobre o passado e a cultura indiana, trabalhando com digressões do sânscrito. Também tem-se o Orientalismo francês, patrocinado por Napoleão, que já assume compromisso com a guerra, buscando apoio dos nativos em suas empreitadas militares. Mais que isso, o Orientalismo proporcionava um meio, um *métier* para que os europeus tratassem a sua relação de alteridade numa via de mão-dupla: buscar revalorizar um passado em comum, ao mesmo tempo em que compreendem melhor as sociedades orientais, a Índia entre elas, pois "em face da óbvia decrepitude e impotência política do oriente moderno, o orientalista europeu considerava como dever dele resgatar uma parte de uma perdida grandeza clássica do passado oriental, de maneira a "facilitar os melhoramentos" no Oriente do presente" (SAID, 1990, p. 88).

O problema incisivo dessa relação com o Oriente, em nosso caso, é uma pobre definição de identidades. A Índia não é digna de um futuro civil, logo, o seu passado tem de ser confundido com um passado escandinavo, europeu, uma condição colonial da identificação em torno de uma imagem alienada, na qual o "Eu" e o "Outro" não podem ser além de uma tosca formação do "Nós" (em que prevalece a origem européia, claro), numa implícita impossibilidade dos Indianos serem Indianos. A alteridade colonial nada mais é que essa perturbadora distância que nunca vai ser mitigada a ponto de concluir um "Nós". No geral, ela é apenas uma ferramenta que precipita e justifica a dominação através da identidade. *Annals and Antiquities of Rajastan* não é uma obra cândida, enganada por discussões imprecisas de sua época. Deliberadamente, o seu autor nega a voz das fontes locais e erroneamente traduz a cultura do outro a partir de seus projetos políticos.

4. Conclusão

O discurso político que buscamos evidenciar nesse artigo recai sobre esquecimentos, produzidos sobre um discurso que busca a construção de um presente, enquanto constrói novas formas de viver e escrever. Ao mesmo tempo em que os europeus (representados na figura de Hervör) assemelham-se aos Rajputs em seus comportamentos, James Tod procura convencer os ocidentais de que os indianos são potenciais aliados. Como comparativo, ele fixa um passado de dias antigos da cavalaria e romance (RIX, 2010, p.59), não tão distante do europeu medieval, como também não distante um longínquo passado escandinavo (com quem os ingleses dividem anos de conflito e trocas culturais) com esse passado hindu, que deve ser, pretensamente, resgatado pelos britânicos.

O que desejamos chamar a atenção é o fato da dinâmica complexa adotada pelos ingleses para implicarem numa origem em comum, obviamente na intenção de dominação, estratégia pertinente na obtenção do sentido de identificação cultural funcionando sob o signo do “nós”. As narrativas sobre o passado escandinavo, junto às narrativas da cavalaria Rajput, podem produzir um meio comum de diálogo, ainda que justificassem a dominação britânica? Claro que sim, posicionamo-nos a favor de que esses textos obedecem ao menos a uma certa lógica formal, já que, seja frente aos ingleses, ou aos indianos, as estratégias de subalternidades colocam-se num plano de identificação ambivalente, nas palavras de Homi Bhabha. De fato, o exercício do poder pode ser ao mesmo tempo “politicamente eficaz e psiquicamente afetivo, pois a liminaridade discursiva, através da qual ele é representado, pode dar maior alcance para manobras e negociações estratégicas” (BHABHA, 1998, p.206). A construção de um “povo” figura como objetos históricos, parte de projeto de uma narrativa nacional, que não se faz como princípio nem fim da mesma: incompatível com o sujeito nacional, os indivíduos não se colocam dentro desse plano, da mesma maneira que os próprios Rajputs não são a Índia, ainda que o “povo” necessite ser projetado como uno, mesmo uma plêiade de identidades desiguais no seio da população.

Transformar o “povo” em um é uma operação que perturba o espaço plural, a diferença volta-se à Tradição, alterando o espaço moderno, remodelado pelas manobras ideológicas que lhes atribuem identidades essenciais para a perduração dessa mesmice do tempo. As outras vozes, minadas pela operação, vão sendo integradas pelo estado moderno, em certo “movimento perpétuo de integração ao marginal de indivíduos” (BHABHA, 1998, p.213). Torna-se claro para nós, que o coronel James Tod, em um processo comparativo, se volta para minar diferenças culturais dos indianos, criando um passado nacional “verdadeiro”, que, como tal, não deixa as diferenças articularem-se entre si, fortalecendo um contra-discurso. Essas diferenças, ao perturbar o poder vigente e a política ideológica por ela instaurada não os derrubam, mas criam

outras relações de significação subalterna⁷⁷. Os escandinavos não deixaram de visitar o Oriente, de fazer comércio, levar a guerra e travar batalhas, o único problema é que o Orientalismo construído pelo tenente-coronel é como a viking Hervör da poesia, ávida por adquirir riquezas com uma ferramenta amaldiçoada, ainda que saiba os riscos que isso lhe causará um dia.

5. Anexos

A título de ilustração, colocamos a tradução que o tenente-coronel James Tod inseriu em seus anais. Se compararmos com outros materiais manuscritos, veremos que essa é uma versão diminuta e simplificada da *Hervararhvöt*. Ainda assim preferimos publicar sua versão, para que o leitor tenha uma idéia da seleção feita para os propósitos a que serviram esses versos. Nessa versão, Hervör já está na ilha de Samsey e sabendo da existência da tumba do pai, adentra a mesma em uma noite de forte tempestade, enquanto invoca o espírito dos mortos em busca da espada Tyrfing.

Anexo A: Incantation of Hervör⁷⁸

Hervor – “Awake, Angantýr! Hervor, the only daughter of thee and Suafu, doth awaken thee. Give me out of the tomb the tempered sword which the dwarfs made for Suafurlama./“Can none of Eyvors’ sons speak with me out of the habitations of the dead? Hervardur, Hurvardur?/The tomb at length opens, the inside of which appears on fire, and a reply is sung within:

Angantýr – “Daughter Hervor, full of spells to raise the dead, why dost thou call so? I was not buried either by father or friends; two who lived after me got Tyrfing, one of whom is now in possession thereof.”

Hervor – “The dead shall never enjoy rest unless Angantýr deliver me Tyrfing, that cleaveth shields, and killed Hjalmr.”

Angantýr – “Young maid, thou art of manlike courage, who dost rove by night to tombs, with spear engraven with magic spells, with helm and coat of mail, before the door of our hall.”

Hervor – “It is not good for thee to hide it.”

Angantýr – “The death of Hjalmr lies under my shoulders; it is all wrapt up in fire: I know no maid that dares to take this sword in hand.”

Hervor – “I shall take in hand the sharp sword, if I may obtain it. I do not think that fire will burn which plays about the site of deceased men.”

Angantýr – “Take and keep Hjamr’s bane: touch but the edges of it, there is poison in them both; it is a most cruel devourer of men.”

⁷⁷ Mais que isso, é a ausência de um passado próprio indiano, nesse caso, uma invisibilidade de sua própria identidade?

⁷⁸ TOD, 1920, p. 690 – 691.

6. Bibliografia

Fontes Primárias

BREMEN, Adam de. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*. Hanover: Imprensis Bibliopolii Hahniani, 1876.

Hervarar saga ok Heiðreks konungs. In: *Hauksbók*. Transcrição do texto original por Finnur Jónsson. Copenhagen: Thieles Bogtrykkeri, 1892 – 1896.

TOD, James. *Annals and Antiquities of Rajasthan or The Central and Western Rajput States of India*, Vol. I – IV. Londres: Oxford University Press, 1920.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOULHOSA, Patrícia Pires. *Icelanders and The Kings of Norway*. Leiden: Brill, 2005

BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo; QUINTANA, Tiago. *A Cristianização da Noruega e o Fortalecimento da Monarquia Norueguesa - uma perspectiva histórico-literária*. *Brathair*: revista de estudos celtas e germânicos, v. 10, n. 1, p. 41 – 53, 2010. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/436/377> Acesso em 12 de janeiro de 2012.

GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Viquingues: Origens da Cultura Escandinava*, Vol. I e II. Madrid: Del Prado, 1997.

HOLMAN, Katherine. *The A to Z of the Vikings*. Toronto: Scarecrow Press, 2009.

JAKOBSSON, Sverrir. Defining a Nation: Popular and Public Identity in the Middle Ages. *Scandinavian Journal of History*, Oxfordshire, n. 24, p.91 – 101, 1999.

LANGER, Johnni. História e Sociedade nas Sagas Islandesas: Perspectivas Metodológicas. *Alethéia*: revista eletrônica de estudos sobre Antiguidade e Medieval, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/LANGER_Artigo.pdf. Acesso em 10 de dezembro de 2011.

LANGER, Johnni. História e Memória dos Vikings. *Saeculum*, n. 23, p. 147 – 152, 2010. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum23_res01_langer.pdf Acesso em 02 de janeiro de 2012.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2005.

ÓLASSON, Véstein. Family Sagas. In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

RIX, Robert W. Oriental Odin: tracing the east in northern culture and literature. *History of European Ideas*, v. 36, p. 47 – 60, 2010. Disponível em: www.elsevier.com/locate/histeuroideas. Acesso em 17 de junho de 2011.

ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Londres: Penguin Books, 1998.

SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SIMEK, Rudolf. Sagas islandesas: entrevista realizada por Johnni Langer e Álvaro Bragança Júnior. *Brathair* v. 9, n. 1, p. 159-161, 2009. Disponível em: http://brathair.com/revista/numeros/09.01.2009/8_entrevista_rudolf_simek.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2012.

STEBLIN-KAMENSKIJ, M. I. *The Saga Mind*. Odense: Odense University Press, 1973.

SYRETT, Martin. *Scandinavian History in Viking Age: a select bibliography*. Cambridge: University of Cambridge, 2004.

TULINIUS, Torfi. Sagas of Icelandic Prehistory (*Fornaldarsögur*). In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

WHALEY, Diana. *Heimskringla: an introduction*. Londres: University College London, 1991.